

Só relatório dirá qual tribo matou crianças

ESP 10-10-72

Da Sucursal de Brasília,
do correspondente em Cuiabá
e do Enviado Especial

A Fundação Nacional do Índio ainda aguarda o relatório de dois funcionários que enviou à região de Pimenta Bueno, em Rondônia, para saber se foram os Suruí, Wau-Wau ou os Caripunás que atacaram um seringal, mataram duas crianças e feriram com flechas uma mulher. Os técnicos da Funai estão confusos ante as notícias contraditórias sobre os índios e sobre o local do ataque. As informações tanto dizem que ele se deu no seringal Fortaleza como no de São Pedro

O sertanista Francisco Meireles, atualmente coordenando as frentes de atuação e pacificação da Transamazônica e Santarém-Cuiabá, foi chamado a Brasília para dar informações sobre os índios da região de Pimenta Bueno. Chico Meireles foi durante anos delegado da 8.ª Delegacia de Porto Velho e, nas últimas semanas, coordenava as frentes que tentaram contatos com os Suruí e Cintas-Largas, que vivem nas imediações do Parque Indígena de Aripuanã.

Apesar das notícias de que

Apoena Meireles, sertanista e filho de Chico, seria destacado para esclarecer o caso, por conhecer a região e ter sido responsável pela pacificação dos Suruí, a presidência da Funai em Brasília informou ontem que foram designados para a missão Natalício de Oliveira e Carlos Alberto Taboada, da delegacia de Porto Velho. Todavia, mesmo sem missão oficial, Apoena seguiu para Aripuanã prometendo historiar os fatos, mas, antes, voltou a defender os índios. "É preciso considerar a barbárie do indígena e olhá-lo como ele é na realidade". O sertanista vai pedir à Funai que intervenha junto ao governo de Mato Grosso para impedir a construção da estrada Dardanelos-Utiariti enquanto uma frente de penetração, para contatos com os índios, não for constituída. "A região é habitada por índios e por isso, antes de se começar a construir uma estrada, é preciso aproximar-se deles e pacificá-los. Caso contrário poderão surgir áreas de atrito".

As frentes

Na área do Parque de Aripuanã a situação não é menos delicada. Desde que Apoena Meireles foi afastado da direção do parque, nenhuma outra expedição tentou contato

com os Cintas-Largas e Suruí. Agora, a Funai designou Augusto Souza Leão e Ubirajara Fagundes para essa tarefa. Eles terão que atrair cerca de dois mil indígenas arredios que vivem nas adjacências do Parque Nacional e começarão a trabalhar nas próximas semanas. Segundo os técnicos da Funai, logo que seja esclarecido qual a tribo que atacou o seringal, outra expedição será deslocada para estabelecimento de um contato amigável.

A contradição

Na quarta-feira, um grupo de 60 índios invadiu o seringal Fortaleza, na margem esquerda do rio Machadinho, matou dois filhos e feriu a mulher do seringueiro Euclides Candido da Costa. Uma criança de doze anos escapou por ter-se atirado no rio quando os índios se aproximaram. Imediatamente, informou-se que os autores do massacre foram os Suruí, índios arredios do território de Rondônia. Mas, depois de examinar as flechas, Apoena Meireles concluiu que se tratava dos Caripunás. Segundo a Funai, só o relatório de seus enviados a Pimenta Bueno estabelecerá a verdade. Sabendo que grupo atacou o seringal, o órgão poderá organizar melhor as frentes de contatos.

Índios de pele escura

Arinil Almeida da Costa, mulher do seringueiro Euclides Candido da Costa, cuja família foi chacinada há dias por um grupo de selvagens na região de Pimenta Bueno, no Território Federal de Rondônia, disse ontem em Cuiabá, que nunca tinha visto índios no local e que seus atacantes tinham a pele escura, eram razoavelmente altos e fortes e usavam penas na cabeça e na cintura.

Arinil recebeu uma flechada no olho direito, uma na testa, duas no abdômen e uma na perna direita. Suas duas filhinhas morreram crivadas de flechas. Para o sertanista Apoena Meireles os atacantes não pertencem à tribo dos suruí, mas a uma linhagem dos caripunás e tupis, que são nômades e praticamente desconhecidos do pessoal da Fundação Nacional do Índio — Funai.

Sabe-se apenas que vivem em estado de quase absoluto primitivismo.

Como foi

Segundo o depoimento de Arinil, tudo se passou em poucos minutos, não lhe sendo possível fazer qualquer gesto de defesa. Ela contou que eram cerca de oito horas da manhã e que estava lavando roupa quando foi despertada por um grito de sua filha mais velha, anunciando a aproximação dos índios. Mal se levantou, foi flechada no olho direito e caiu no rio Machadinho.

Os selvagens fugiram ante a aproximação de Euclides, a bordo de uma canoa, juntamente com um amigo. Foram eles que retiraram as flechas do olho e do corpo de Arinil, então sem sentidos devido à intensidade das dores.

Além do olho, Arinil perdeu dois dentes, pois a flecha atravessou o céu da boca, alojando-se à altura do maxilar inferior.

Com apoio da Força Aérea Brasileira a expedição comandada pelo sertanista Claudio Villas-Boas reiniciou a marcha rumo ao local onde se encontram os kranhacacores — conhecidos como índios gigantes — que estão a aproximadamente 100 quilômetros do Nucleo e Destacamento de Proteção ao Vão de Cachimbo, no Pará. Segundo informações do tenente Henrique Silveira, da base aérea de Santa Cruz, a expedição estava ontem a seis quilômetros da nova aldeia dos índios. Ele, afirmando que os viu, acha que não "são tão altos assim", talvez apenas uns "20 centímetros mais que os índios comuns, o que não significa que sejam gigantes".